

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM E DOS VESTÍGIOS  
ARQUEOLÓGICOS DO SÍTIO DA COMUNIDADE AUTA DE SOUZA

Manacapuru-AM

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

WASHINGTON FIGUEIREDO BOTELHO NETO

CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM E DOS VESTÍGIOS  
ARQUEOLÓGICOS DA COMUNIDADE AUTA DE SOUZA

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Amazonas - UEA como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Arqueologia sobre a orientação da professora Msc. Antonia D. Barbosa.

Orientadora: Msc. Antonia Damasceno Barbosa

Manacapuru-AM

2017

WASHINGTON FIGUEIREDO BOTELHO NETO

CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM E DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DA  
COMUNIDADE ALTA DE SOUZA.

**Manacapuru (AM), 15 de outubro de 2017.**

**Banca examinadora:**

---

**Prof. Dr. Rhuan Carlos dos Santos Lopes – Examinador Interno**

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

---

**MSc. Crisvaldo Cássio de Souza e Silva – Examinador Externo**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

---

**Profª. M.Sc. Antonia Damasceno – Orientadora**

Universidade do Estado do Amazonas – UEA / Universidade Federal do Pará - UFPA

*“Dedico este trabalho as minhas duas mães Marias da conceição que tiveram a paciência de me criar e me ensinarem o caminho da honestidade em memoria a minha mãezinha querida Conceição Melo Figueiredo”.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus o autor da vida, a minha mãe Conceição, a minha família Joicy, Alef e Caleb que me deram suporte para a realização deste sonho, a Minha orientadora professora Msc. Antonia D. Barbosa, em especial aos professores: Dr. Rhuan Lopes, Msc. Crisvaldo Cássio, Msc. Ivone Bezerra, Dr. Carlos Augusto, Dr. Carlossandro Albuquerque, Dr. Gemima Silva, Msc. Milke Cabral, Msc. Mônica Nogueira, Dr. Francisco Evandro Aguiar, Dr. Neemias Santos, Dr. Tatiana Pedrosa, o Especialista João Queiroz, a coordenadora do curso Dr. Lucia Puga, ao secretário Átila Oliveira, a Gestora Andréia Barreto, ao nosso ilustríssimo amigo Everaldo Nogueira, em fim a todos que contribuíram para a minha formação acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho trata-se de um estudo de caso que tem o intuito de caracterizar a paisagem e os vestígios arqueológicos que se encontram na comunidade Auta de Souza que está localizada a margem esquerda do rio Manacapuru. A comunidade apresenta artefatos cerâmicos espalhados na superfície, na borda do platô e também em sua vertente, dentre outros aspectos o local apresenta um grande pacote de TPA – terra preta arqueológica. Outro aspecto que chama logo a atenção diz respeito à estrutura de abrigo que está localizado na vertente do sítio supracitado. Diante de constatadas mudanças que o sítio vem sofrendo no decorrer de sua história esta pesquisa vem indagar “que postura poderia empregar em relação à preservação do sítio?” Utilizando os subsídios da Arqueologia da paisagem que proporciona ao investigador fazer uma leitura da região em que sítio arqueológico está inserido, indo além dos artefatos, esta ferramenta de análise propicia maneira como as populações pretéritas, modificaram o seu entorno criando ambientes culturais. Contudo ao analisar a área pesquisada pode-se constatar que local era um grande assentamento.

**Palavras-Chave:** Caracterização, Paisagem, Arqueologia da Paisagem, Assentamento.

## **ABSTRACT**

This work is a case study that aims to characterize the landscape and the archaeological remains that are found in the Auta de Souza community that is located on the left bank of the Manacapuru River. The community presents ceramic artifacts scattered on the surface, at the edge of the plateau and also in its slope, among other aspects the site presents a large package of TPA - black archeological land. Another aspect that immediately draws attention concerns the shelter structure that is located on the slope of the aforementioned site. In view of the changes that the site has been experiencing in the course of its history, this research asks "what posture could you use in relation to the preservation of the site?" Using the Archeology grants of the landscape that gives the researcher a reading of the region in which site archeology is inserted, going beyond the artifacts, this tool of analysis propitiates how the past populations, modified their environment creating cultural environments. However, when analyzing the surveyed area, it can be seen that the site was a large settlement.

**Keywords:** Characterization, Landscape, Landscape Archeology, Laying.

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. OBJETIVOS.....	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específicos.....	11
3. JUSTIFICATIVA .....	12
4. METODOLOGIA.....	12
5. BREVE HISTÓRICO DO LOCAL.....	14
6. ESTADO DO CONHECIMENTO – ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM .....	18
7. PAISAGEM DO SÍTIO DA COMUNIDADE AUTA DE SOUZA.....	25
7.1. GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA DA REGIÃO DE MANACAPURU....	26
7.2 CLIMA.....	29
7.3 VEGETAÇÃO.....	31
7.4 Recurso Hídrico.....	33
8. CARACTERIZAÇÃO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO SÍTIO DA COMUNIDADE AUTA DE SOUZA.....	36
8.1 Cerâmica.....	36
8.2. TERRA PRETA.....	40
8.3. ESTRUTURA SUBTERRÂNEA.....	42
9. ANÁLISE E DISCURSÃO .....	44
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
11. Bibliografia .....	50

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o século XIX a Amazônia tem sido alvo de várias pesquisas no que tange a Arqueologia. Segundo Lima (2011), as primeiras pesquisas arqueológicas na região da Amazônia Central, foram feitas na década de 60, por intermédio do pesquisador Peter Hilbert, que junto com Mário Simões foram os principais interpretes dos trabalhos de Meggers e Evans. Quanto à metodologia utilizada por eles, envolvia a coleta de fragmentos cerâmicos, utilizando o método Ford de sequências seriadas, com o objetivo de criar cronologias culturais (Evans; Meggers, 1970 apud Schaan, 2013 p.15). Segundo Lima (2011), Hilbert propôs uma cronologia de ocupação para Amazônia Central definindo Tradições e fases para região.

No âmbito do (PAC) Projeto Amazônia Central, de acordo com Lima, (2011) foi pesquisado 09 sítios arqueológicos que abrangem as cidades de Manaus, Iranduba e Manacapuru sendo que dois destes sítios estão na região de Manacapuru que são: O sítio arqueológico Jacuruxi, localizado na Rodovia Manuel Urbano Km 51 no Ramal do Bajarú com presença de cerâmica unicomponencial vinculada a fase Manacapuru, contendo um pacote cultural de (TPA) de até 20 cm e o sítio arqueológico e o Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado a margem direita do Rio Manacapuru no lago Manacapuru, na localidade chamada de Cajazeiras, que apresentou cultura material Cerâmica, instrumentos líticos e (TPA) com um pacote bem mais espesso em relação ao sítio Jacuruxi que segundo ela foram de suma importância para ter um maior entendimento em relação as datações.

Quanto aos resultados obtidos por Lima, (2008) foi analisado o tamanho dos assentamentos, verificado a duração das ocupações e o refinamento das cronologias dentro da Tradição Borda incisa/ Barrancóide na área de confluência entre o Rio Negro e Solimões. Em suas conclusões os sítios Jacuruxi e o Sítio Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foram de suma importância para uma maior compreensão no que diz respeito à cronologia, que atingiu a marca mais antiga, relacionado à Fase Manacapuru, chegando até 2100 A. P. O sítio que apresentou

esta datação foi o Jacuruxi. Segundo ela o solo chamou a atenção para sua coloração, que apresentou uma cor mais clara e foi interpretado como ainda em processo de transformação, pois na fase Açutuba a coloração do solo se apresenta em níveis mais profundos com a cor do solo mais escura. Com a análise dos nove sítios arqueológicos, Lima (2008), propõe uma nova fase cerâmica chamada de Açutuba, sendo a mais antiga devido as datações que chegaram até 2.300 A.P. e as características decorativas que diferem bastante da fase Manacapuru. Segundo a autora as fases Açutuba, Manacapuru e Paredão que estão dentro da Tradição Borda/Incisa, representam um desenvolvimento cultural, sócio-político, econômico, dentro de uma macrorregião com uma intensa rede trocas e comunicação, onde as fases representam mudanças dentro de um sistema que só foi interrompida com o surgimento das cerâmicas policromas.

Outro trabalho que foi desenvolvido no Município de Manacapuru, foi no Bairro de Monte Cristo com o empreendimento chamado de Villas de Monte Cristo que está localizado na Am 070 km 84 a margem esquerda do Rio Manacapuru. O projeto se trata de uma Arqueologia de contrato feito pela Empresa Muiraquitã, que estava sob a responsabilidade do Arqueólogo João Queiroz Rebouças que fez o diagnóstico na área. No projeto, foi realizado o diagnóstico de intervenção arqueológica na (ADA), prospecções intensivas na (ADA) e (AID), caminhamento extensivo na (AID), entrevistas não estruturadas com moradores próximos na (ADA) e (AID), trabalhos de laboratórios, Educação patrimonial entre outros. Como resultado a área de influência direta do empreendimento apresentou um pacote de (TPA) terra preta antropogênica próximo a borda do platô e pouco material cerâmico que foi encaminhado para o laboratório. Vale ressaltar que ao lado do empreendimento foi possível visualizar uma extensão de terra preta maior em relação ao terreno de onde estava sendo feito a consultoria.

A importância das pesquisas acima referenciadas repousa no fato de que o sítio arqueológico localizado na “Comunidade Alta de Souza,” – à margem esquerda do Rio Manacapuru – encontra-se próximo da área dos estudos acima pontuadas, tornando-se, conseqüentemente, importantes para o tipo de leitura que nos propomos realizar em torno do nosso recorte.

O sítio da “Comunidade Alta de Souza” é riquíssimo e comporta visivelmente artefatos cerâmicos espalhados na superfície, na borda do platô e também em sua

vertente, dentre outros aspectos ele apresenta um grande pacote de TPA – terra preta arqueológica – intercalando os espaços o que conota, possivelmente, segundo Neves (2012) a estrutura organizacional do assentamento. Outro aspecto que chama logo a atenção diz respeito à estrutura de abrigo que está localizado na vertente do sítio supracitado.

Um dos moradores da família mais antiga do local que é artista plástico alterou o abrigo construindo colunas com estilo romano e aumentou a entrada em forma de um arco assemelhando-se a arquitetura romana com a intenção de atrair turistas.

Além disso, a própria superfície do sítio está muito perturbada devido a grande manufatura de agricultura familiar existente na comunidade, como, também, o fato de respetivas terras terem sido loteadas e, conseqüentemente, os compradores terem erigido imensas casas e construído pousadas, que além de danificarem o sítio fez com que o mesmo fosse intensamente visitado sem nenhum tipo de precaução.

Diante de constatadas mudanças que o sítio vem sofrendo no decorrer de sua história esta pesquisa vem indagar “que postura poderia empregar em relação à preservação do sítio?”

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Geral

A presente pesquisa tem como objetivo geral de caracterizar a paisagem e os vestígios arqueológicos “Comunidade Auta de Souza”.

### 2.2 Específicos

- ✓ Apresentar um breve histórico do local;
- ✓ Discutir os aspectos teóricos da Arqueologia da Paisagem;
- ✓ Identificar o sítio arqueológico da “Comunidade Auta de Souza”;
- ✓ Descrever a paisagem do entorno;
- ✓ Caracterizar a estrutura física, geológica e geomorfológica do sítio;
- ✓ Discutir as propriedades do sítio da “Comunidade Auta de Souza” com as características presentes em outros sítios na região;

### 3. JUSTIFICATIVA

A comunidade Auta de Souza, além de possuir uma beleza natural rica e exuberante, é contemplada com uma estrutura de abrigo, que segundo os relatos dos moradores, era utilizada por populações indígenas no passado. Se diferenciando dos sítios encontrados na região de Manacapuru. Esta área proporciona ao pesquisador utilizar ferramentas da Arqueologia da paisagem, para fazer inferências temporais e Históricas que estão marcadas na paisagem, e podem ser identificadas nos vestígios arqueológicos que estão distribuídos no local. Estes vestígios apresentam Características que se assemelham e se diferem de alguns sítios arqueológicos da região.

A caracterização deste sítio é de suma importância para uma maior compreensão no que diz respeito à relação do homem pretérito com o meio ambiente. A pesquisa poderá contribuir com informações de extrema relevância trazendo novos dados que servirão de subsídios tanto para o meio acadêmico como para o meio científico colaborando para a Arqueologia da região, esses estudos também contribuirão para um maior entendimento da história pré-colonial do município de Manacapuru.

### 4. METODOLOGIA

Quanto à metodologia que foi utilizada para alcançar as metas estabelecidas neste trabalho, destacamos os seguintes passos:

No primeiro momento fizemos levantamentos históricos sobre a região da área da pesquisa e entrevistas informais com os moradores mais antigos para realizar o breve histórico do local. No segundo momento fizemos levantamentos bibliográficos a respeito da arqueologia da paisagem que foram fundamentais para a elaboração do capítulo que trata o Estado do conhecimento Arqueologia da Paisagem, servindo de subsídios para elaborar a fundamentação teórica que foi de suma importância para realizar uma discursão. Para identificar o sítio na comunidade foi realizado caminhamento intrusivo na superfície da área de pesquisa, e para fazer a identificação e a distribuição dos vestígios arqueológicos, foram aplicadas técnicas

de caminhamento a observação dos vestígios bem como a sua organização no espaço, com leitura de coordenadas geográficas que são ferramentas necessárias para entender como os vestígios arqueológicos estão arranjados no ambiente. Estas informações servirão de subsídios para a elaboração de um mapa, para entendermos como os vestígios arqueológicos, estão distribuídos na área de estudo.

Também foi realizada a descrição da paisagem por meio do método da Arqueologia da paisagem que Segundo Schaan (2013), o estudo da transformação da paisagem é feito pela a Arqueologia da paisagem, que busca interpretar a dimensão histórica e espacial. Sendo que a principais ferramentas e metodologias para o estudo da paisagem amazônica são:

“[...] imagens de satélite, interpretação de fotografias aéreas não convencionais, prospecção aérea com pequenas aeronaves, prospecção terrestre, mapeamento com GPS e estação total, escavações, inventários florestais, pesquisa de fontes históricas, etnografia e uso de sistemas de informações geográficas (SIG) (Balée et al., 2014; Crumley, 1994b; Erickson, 1995; Schaan et al., 2010 apud Schaan, 2013 p.22).

De acordo com (Branton, 2009 apud Reis, 2011), a Arqueologia da paisagem é o estudo das relações do homem entre o meio natural que refletem as ações culturais. A relação entre a sociedade e a natureza deixam marcas na paisagem que podem ser identificadas na paisagem através da observação, buscando compreender os fenômenos particulares permitindo ao pesquisador descrevê-los.

Para Schaan, (2004) a Arqueologia da paisagem ela proporciona a investigação de um sítio arqueológico além dos artefatos, buscando compreender a maneira como as populações pretéritas modificaram o seu entorno criando ambientes culturais, ampliando a visão do pesquisador. Segundo ela no que toca a Arqueologia da Paisagem diz:

“[...] a “arqueologia da paisagem” nos proporciona a perspectiva necessária para examinar a maneira pela qual populações humanas modificaram seu entorno, criando verdadeiros ambientes culturais”. (Crumley e Marquardt 1990 apud Schaan, 2004 p.15).

Para realizar a caracterização da estrutura física da área de pesquisa se fez necessário recorrer a livros e artigos e consultas em sites como: INPE, IBGE, CPRM e IPHAN que contém dados geográficos, geológicos, geomorfológicos e arqueológicos que serviram de subsídios para fazer a caracterização física. Contudo Depois de realizar todos os passos Discutiremos as propriedades do sítio da “Comunidade Auta de Souza” com as características presentes da região;

## **5. BREVE HISTÓRICO DO LOCAL**

A comunidade Auta de Souza está localizada à margem esquerda do Rio Manacapuru que é afluente do Rio Amazonas por vias terrestres seu acesso se dá pela Rodovia AM-352 km 07, no Ramal dos Japoneses no Município de Manacapuru no Estado do Amazonas. A comunidade está situada próxima a uma borda de um platô em uma área de encosta com uma vertente terminando no Rio Manacapuru, seu solo apresenta características de Terra Preta intercalando com terra mulata e latossolo, já a Terra Preta apresenta muitos fragmentos cerâmicos.

De acordo com os primeiros viajantes europeus no século XVI E XVII, ao subirem e descerem o Rio Solimões ou Rio Amazonas, observaram que a região era densamente povoada. Depois de quase um século, Cristobal D’Acuña, cronista da expedição de Pedro Teixeira, também percebeu as evidências de grandes aldeias nos Médio e Baixo Solimões. As aldeias eram ocupadas pelos índios Yurimaguas, que falavam uma língua desconhecida (Porro, 1996 apud Silva, 2014 p.17). Diante destes relatos históricos percebe-se que a região do médio Amazonas também é citada como uma área que possuía uma grande ocupação populacional indicando que neste período o Homem pretérito já vivia por aqui.

O Rio Manacapuru possui uma historicidade muito rica no que diz respeito aos primeiros habitantes que moraram nas encostas dos barrancos, mas pouco se sabe sobre antes dos colonizadores adentrarem a região. Segundo Amorim (2013), por volta do século XVIII, os Mura habitaram a região próxima à foz do Rio Manacapuru e muitos portugueses temiam em passar por esta localidade, pois de acordo com Santos (2002), existia um Pesqueiro Real que não durou muito tempo por causa das

contínuas incursões dos Mura. O Ouvidor Ribeiro Sampaio em uma parada para descansar próximo a foz do Rio Manacapuru fez as seguintes declarações: “seria comodíssimo lugar para se formar uma povoação, se não dificultassem o estabelecimento as hostilidades do gentil Mura”. (Santos, 2002 apud Amorim, 2013 p. 29).

Observa-se que na época da colonização os portugueses tiveram muita dificuldade para formar um povoado na região próximo ao Rio Manacapuru, a etnia denominada Mura, eram índios guerreiros que não se rendiam sem se compreender muitos esforços, pois a área em que eles moraram era bastante cobiçada geograficamente, por se tratar de um lugar privilegiado estrategicamente para defesa possuindo terras altas e férteis.

De acordo com a moradora mais antiga da Comunidade Auta de Souza, Dona Eritréia Cabus Kina, a qual foi fundadora da associação comunitária no dia 08 de abril de 2008 e que mora há 40 anos na localidade, em uma entrevista informal ela conta a história em que o seu sogro em 1953, o senhor Massato Kina, adquiriu a propriedade. Segundo suas declarações ela disse:

“O meu sogro o senhor Massato Kina era ex-combatente da 1º e 2ª guerra mundial , quando ele veio do Japão para o Brasil em 1953 ficou alojado no Caldeirão e em seguida veio para a cidade de Manacapuru comprou primeiro uma propriedade no Bairro de Terra preta e logo no mesmo ano ele comprou esta propriedade aqui no Rio Manacapuru. O terreno antigamente media 5 km de Frente por 1600m de fundo”.(Entrevista informal relatada pela senhora Eritreia Kina, agosto, 2017).

Segundo o filho de Dona Eritréia o Senhor Sadála Kina, O documento do terreno não está mais em suas mãos. Pois se encontra com um tio dele. Segundo seus relatos o documento pertencia a um Coronel de Barranco chamado Gigico Soriano.

Em entrevista informal com Dona Eritréia ela conta algumas dificuldades que seu sogro passou por estas terras, segundo ela:

“No começo a coisas eram mais difíceis aqui, meu sogro entrou em conflitos com muitos indígenas por esta terra, ele matava e enterrava lá para trás. Em duas ocasiões ele foi atingido por flechas envenenadas que acabou tirando o movimento de um de seus braços”.(Entrevista informal relatada pela senhora Eritreia Kina, agosto, 2017).

Quando perguntada sobre quais os grupos pretéritos que moravam antes de o seu sogro chegar ela responde:

“Bem meu sogro meu sogro me contou que eram os Apurinãs, os Ticunas e os Cambébas, eles gostavam de morar em lugares que possuíam Terra preta porque ela é fértil para plantar, por isso o meu sogro comprou esta terra, pois ele também gostava de plantar neste tipo de terra porque ela é boa para plantar” (Entrevista informal relatada pela senhora Eritreia Kina, agosto, 2017).

Nota-se que o Senhor Massato Kina se interessou pela propriedade do Rio Manacapuru pelo fato de as terras serem boas para o plantio, ao adquirir as terras por intermédio de um Coronel de Barranco, não imaginava que entraria em conflitos com os indígenas que moravam na região. Também se observa que a prática da agricultura está inserida dentro de sua família e foi passado de geração a geração, pois este conhecimento foi passado para o esposo de Dona Eritreia o senhor Nabó Kina que passaram para os seus filhos, ao perguntar sobre seu esposo ela relata:

“O meu marido e eu estávamos em uma viagem para o Peru e ele era doente, pois tinha pressão alta, ele foi beber e não resistiu e morreu e teve que ser enterrado por lá mesmo, pois era muito caro para trazer o seu corpo, isto vai fazer oito anos. Depois deste ocorrido eu dividi para meus filhos lotearem, ficando o meu terreno apenas com 1200 de frente por 1600 de fundo”.(Entrevista informal relatada pela senhora Eritreia Kina, agosto,2017).

Ao narrar a sua história Dona Eritreia relatou que só a partir da morte do seu esposo, ela decidiu dividir as terras com os seus filhos, com a intenção de evitar possíveis conflitos futuros. Com isto alguns de seus filhos ao dividirem as terras, resolveram lotear e vender as suas partes para pessoas de fora, resultando em um crescimento da localidade, tornando-se uma espécie de vila e logo em seguida uma comunidade.

Segundo o seu filho Sadála kina, em entrevista informal ele relata que de todos os seus cinco irmãos, quatro praticam a agricultura familiar fornecendo a sua produção para a capital do Amazonas a cidade de Manaus, dentre os produtos que são produzidos em suas terras estão: O mamão, pimentão, maracujá, pepino couve, Bacaba entre outros.

Segundo os relatos de Sadála Kina filho de Dona Eritréia ao lembrar-se de sua infância ele disse:

“lembro-me de que quando eu era criança brincando junto com meus irmãos achamos uma sacola cheia de moedas com símbolo da coroa portuguesa próximo a um cemitério e também um mastro de um navio português que se encontra dentro do Rio Manacapuru que só aparece quando tem uma grande seca”. ”.(Entrevista informal relatada pela senhor Sadala Kina, agosto,2017).

Nota-se que a família Kina, ainda mantém até os dias atuais a tradição da prática da agricultura familiar, e que sua família tem uma ligação muito forte historicamente com aquelas terras, este legado foi deixado pelo senhor Massato Kina que mesmo em meio às adversidades ele conseguiu se estabelecer naquela região. Também podemos perceber que os relatos da família Kina, foram de suma importância para entender como se deu o processo de ocupação da área de pesquisa e como no decorrer do tempo várias mudanças ou transformações ocorreram na paisagem.

Quanto às transformações da paisagem na área de estudo, que ocorreram no passado, pode-se notar a interação dos grupos pretéritos com o ambiente que ali viveram, através das marcas que foram deixadas na paisagem que possibilitou um maior entendimento do pretérito assentamento. O local é riquíssimo para os estudos arqueológicos e de outras áreas que se interessem estudar as relações do homem com o ambiente.

## **6. ESTADO DO CONHECIMENTO – ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM**

Segundo Oliveira, (2007) a prática da Arqueologia da paisagem no Brasil, ainda é muito recente e sem muitos adeptos, pois poucos têm trilhado por este viés. De acordo com ele, historicamente a Arqueologia da paisagem se divide em duas tradições, conforme ele:

“[...] A Arqueologia da Paisagem pode ser dividida em duas grandes tradições, principalmente se levamos em conta os países nos quais ela primeiro se desenvolveu: a Inglaterra e na França. A história da Arqueologia da Paisagem de origem anglo-saxônica começa com o aparecimento da Arqueologia Espacial no final da década de 1960, como resposta do processualismo ao histórico culturalismo, destacando-se nomes como os de

Binford, Leslie White e D. Clarke. O processualismo fora extremamente influenciado pela onda neopositivista que impregnou muitos dos campos científicos daquela época, além da teoria geral dos sistemas desenvolvida nas áreas exatas e, principalmente, pela Ecologia Cultural de Steward. A aplicação dos princípios da Ecologia Cultural na Arqueologia teve como resultado uma prática arqueológica na qual se procurava estabelecer as relações das sociedades do passado com o ambiente, analisando-se os padrões de assentamento humano [...].” (Oliveira, 2007 p.24).

Para Silva (2014), a Arqueologia da paisagem, surgiu como resposta as questões da localização da existência humana, mesmo que não haja unanimidade a esses termos, segundo ela a disciplina sentiu a necessidade de se desenvolver para melhor compreender o seu objeto de estudo. Como resultado houve várias subdivisões interdisciplinares que refletiram na forma como o pesquisador ver o seu objeto de estudo. Assim ela afirma:

“Neste caso os arqueólogos promoveram uma série de ligações com outras formas de saber que deram origem aos mais variados ramos. Desde a arqueozologia, arqueobotânica, dendrocronologia, mais ligadas às ciências naturais até à arqueologia cognitiva, etnoarqueologia, arqueologia experimental, mais ligadas às ciências sociais. Neste caso a arqueologia da paisagem, poderá ser vista de várias perspectivas. Como ciência mais física ligada aos paleoambientes e análises palinológicas ligadas à “reconstituição” de ambientes passados. Como também de forma mais autocrítica refletindo conceitos vários dentro da disciplina principal, utilizando ferramentas da psicologia, antropologia e até mesmo da filosofia para obter respostas relativas à contextualização e interligação das mais variadas problemáticas arqueológicas” (SILVA, 2014 p.16).

Percebe-se que a ciência da Arqueologia sofreu a necessidade de desenvolver no decorrer do tempo até chegar à vertente da Arqueologia da paisagem, que tem como objeto principal de análise a paisagem que é de suma importância para o pesquisador fazer inferências através da perspectiva. Mas, qual é o significado na atualidade da palavra paisagem?

Segundo o Dicionário Houaiss, a Paisagem é uma extensão de território que o olhar alcança num lance, vista ou panorama. Outro significado colocado pelo dicionário diz que é um conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar espaço geográfico de um determinado tipo. Paisagem também pode ser uma pintura, desenho, gravura, fotografia etc. em que o tema principal é a representação de formas naturais, de lugares campestres.

O termo Paisagem de acordo com o Geógrafo Carl Sauer (1988), é apresentado para definir a ideia de unidade da Geografia, servindo de base para fazer a caracterização dos fatos geográficos. A paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma determinada área. O conceito de paisagem é individualizado em relação às sociedades possuindo particularidades. De acordo com Sauer (1988), para os Geógrafos ingleses e alemães o termo paisagem, tem estritamente o mesmo significado, onde a paisagem é uma forma da terra, na qual o seu processo de modelagem não é somente de caráter físico, mas podendo ser composto de diferentes formas possibilitando ser ao mesmo tempo físico e cultural.

Segundo Sauer (1988), a paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma determinada área, as formas que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando funções que criam uma estrutura, a qual possui limites e relações genéricas com outras paisagens constituindo um sistema geral que apresentam suas particularidades ou individualidades, onde uma paisagem não é igual a outra, ou seja, um vale não é igual a outro vale.

Nesse sentido a paisagem não é entendida como uma figura instável, mais compreendida como uma estrutura dinâmica, passível há mudanças sejam elas de ordem naturais ou culturais, visto como orgânica, sendo que a paisagem, ela é composta não somente pela estrutura física de uma determinada área, com seus aspectos físicos como recursos hídricos, relevo, vegetação etc. Mas pode ser entendida como cultural, quando esta paisagem sofre a intervenção humana, a partir deste contato entre o homem e o meio ambiente neste sentido há uma transformação cultural.

Segundo Sauer (1988), ele faz uma distinção entre paisagens naturais que são aquelas em que o homem ainda não interviu e a paisagem cultural onde ela se torna cultural quando o homem entra em cena e começa a se relacionar com o seu ambiente que o cerca. O resultado desta relação se dá pela transformação que de acordo com Sauer (1998), as ações dos homens expressam por si mesmas na paisagem cultural sendo o homem o seu agente modelador (Sauer, 1998 p. 43)

Já para Cosgrover, a paisagem, ela não é vista como abstrata, sem os seus respectivos agentes sociais, mas é entendida como passível a mudanças, possibilitando a criação de diferentes significados, que são adquiridos de acordo com a experiência do homem, ao longo do tempo ao interagir com a paisagem,

neste sentido sendo impregnada de significados e simbolismo (Cosgrover, 1979 apud Corrêa, 2014 p. 41).

De acordo com (Branton, 2009 apud Reis, 2011). A Arqueologia da paisagem é o estudo das relações do homem entre o meio natural que refletem as ações culturais. A relação entre a sociedade e a natureza deixam marcas na paisagem que podem ser identificadas ao olhar do pesquisador, que busca compreender os fenômenos particulares possibilitando uma maior compreensão no que diz respeito a sua área de estudo.

Para o arqueólogo espanhol Villa Escusa diz que: “[...] a arqueologia da paisagem se ocupa da reconstrução ou recriação das paisagens, da natureza, em sua evolução a partir da presença do ser humano sobre a terra”. (VILLAESCUSA (2006:29) apud Oliveira 2007 p. 23).

Segundo Oliveira (2007), a Arqueologia da Paisagem pode ser situada numa confluência entre a Arqueologia com as ciências ecológicas e paleoambientais, caracterizando-se por certa heterogeneidade.

De acordo com Schaan (2013), no final dos anos 80, os estudos da paisagem começaram a se desenvolver a partir da Ecologia histórica que eram voltados para a historicidade das paisagens, possibilitando uma maior percepção, no que diz respeito às transformações humanas. Assim ela afirma:

[...] “a ecologia histórica e as paisagens amazônicas O campo da ecologia histórica começou a se desenhar no final dos anos 1980, com intelectuais que focaram suas pesquisas na percepção da historicidade das paisagens transformadas por grupos humanos” (Balée, 1998; Crumley, 1994b apud Schaan, 2013 p. 21).

Segundo Schaan (2013), a Ecologia Histórica é apontada por Balée não como um novo paradigma, mas como um programa de pesquisa, assim ela destaca:

[...] Balée não acredita que a Ecologia Histórica represente um novo paradigma, mas propõe que ela seja um programa de pesquisa (no sentido dado por Lakatos, 1978) direcionado por um conjunto de postulados básicos. Esses postulados giram em torno da ideia de que todas as sociedades humanas modificaram e modificam o meio em que vivem, em interações que ocorrem em diversos contextos históricos, sem que os

grupos humanos estejam programados para aumentar ou diminuir a diversidade de espécies ou outros parâmetros ambientais. As interações entre grupos humanos e paisagens devem ser estudadas como um fenômeno integral (Balée,2006)” (SCHAAN, 2013 p. 21-22).

Observa-se que um dos postulados da Ecologia histórica a qual Schaan citando Balée se refere, parti da premissa em que os grupos humanos modificaram e modificam a sua paisagem. Pois, ao se relacionar com o ambiente em que vivem, mesmo intencionalmente ou não, causam distúrbios que se apresentam em vários contextos no decorrer da História, por isso, é necessário estudar a paisagem de forma que não seja diminuída e nem restringida, mas no sentido total ou como Balée diz integral.

Segundo Schaan (2013), o estudo da transformação da paisagem é feito pela a Arqueologia da paisagem, que busca interpretar a dimensão histórica e espacial. Sendo que a principais ferramentas e metodologias para o estudo da paisagem amazônica são:

“[...] imagens de satélite, interpretação de fotografias aéreas não convencionais, prospecção aérea com pequenas aeronaves, prospecção terrestre, mapeamento com GPS e estação total, escavações, inventários florestais, pesquisa de fontes históricas, etnografia e uso de sistemas de informações geográficas (SIG) (Balée et al., 2014; Crumley, 1994b; Erickson, 1995; Schaan et al., 2010 apud Schaan, 2013 p.22).

O uso dessas metodologias e ferramentas aplicadas nos estudos das paisagens amazônicas é de suma importância para uma maior compreensão no que toca o ambiente em que o homem pretérito estava inserido. Neste sentido, “o uso dessas metodologias amplia o foco da pesquisa arqueológica, movendo-o do “sítio” para a paisagem (Erickson, 2010a apud Schaan, 2013)”. De acordo com Schaan, este tipo de estudo resulta em algumas implicações:

“[...] Isso tem implicações importantes para o estudo dos modos de vida dos povos indígenas arqueológicos, pois reconhece que as relações entre as aldeias, as estradas ou os caminhos para deslocamento, as áreas agrícolas, os locais de coletas sazonais, os canais e todas as demais atividades econômicas e sociais são tão relevantes quanto o espaço da aldeia. Sabe-se que a definição do espaço do sítio implica grande dose de arbitrariedade por parte do pesquisador, que diminui quando a escala da pesquisa

aumenta, e todo e qualquer vestígio humano é considerado relevante [...] (Dunnell, 1992 apud Schaan, 2013:22).

Neste contexto é necessário que se aumente a escala de estudo, para que o pesquisador tenha uma percepção maior da região que está inserida o sítio, para isto, se faz necessário utilizar uma abordagem regional. Em que a “Arqueologia da paisagem é uma abordagem regional através da qual uma região é investigada de uma maneira integrada, estudando sítios e artefatos não em isolamento, mas como aspectos de sociedades vivas que uma vez ocuparam a paisagem” (Clark, Garrod e Pearson, 1998 apud Schaan, 2004 p.15).

Conforme Schaan (2004), em relação a paisagem antrópicas ela diz que:

“Nem todos os arqueólogos trabalhando na Amazônia preocupam-se com o estudo das paisagens antrópicas, principalmente por razão da escala espacial escolhida para a pesquisa. O estudo de feições da paisagem que possam informar sobre estratégias políticas, simbólicas ou econômicas, demanda que se redimensione o alcance da análise, indo além daquilo que é geralmente considerado um sítio arqueológico, para englobar uma grande região geográfica.” (SCHAAN, 2004 p. 5).

De acordo com Schaan (2004), a Arqueologia da paisagem ela proporciona a investigação de um sítio arqueológico além dos artefatos, buscando compreender a maneira como as populações pretéritas, modificaram o seu entorno criando ambientes culturais, ampliando a visão do pesquisador. Segundo ela no que toca a Arqueologia da Paisagem:

“[...] Por isso, a “arqueologia da paisagem” nos proporciona a perspectiva necessária para examinar a maneira pela qual populações humanas modificaram seu entorno, criando verdadeiros ambientes culturais”. (Crumley e Marquardt 1990 apud Schaan, 2004 p.15).

Ainda em relação à Arqueologia da Paisagem Schaan explica que:

“[...] Esta abordagem teórica pode ser definida como um foco nas relações entre artefatos e feições culturais e sua distribuição espacial e temporal, alargando o campo de visão do pesquisador, em vez de assumir os limites do sítio como unidade de pondera que limites, em geral, são definidos arbitrariamente em função da percepção que o pesquisador tem sobre a natureza do problema”. (DUNNELL, 1992 apud Schaan, 2004 p.15)

Conforme Schaan (2004), para os estudos de padrões de assentamento ela afirma que é necessário que se identifique as diversas categorias de sítio de modo que se criem tipologias de sítios em termo de função dentro de uma comunidade ou região. Assim ela afirma:

“O estudo dos padrões de assentamento permite relacionar as variáveis ambientais com os padrões culturais e econômicos de ocupação do espaço fisiográfico. O tamanho dos assentamentos, as distâncias entre as diferentes vilas ou comunidades, a existência de um núcleo populacional significativo maior, a existência de transformações na paisagem, tais como construções e obras de engenharia, são considerados indicativos de relações sociopolíticas entre as diversas partes constitutivas do assentamento” (SCHAAN, 2004 p.15).

Portanto, para Schaan (2004), esta perspectiva regional contribui para o estudo das sociedades regionais complexas que são definidas por suas estruturas sociopolíticas, como sendo um conjunto de vilas e comunidades subordinadas a um poder central (CARNEIRO, 1981 apud Schaan, 2004). Porém ela realça, que este tipo de abordagem não impede de se fazer um estudo minucioso de um sítio isolado, podendo contribuir para que se conheça a função e o papel das vilas e das comunidades dentro de uma determinada região.

Para Willian Balée, “Paisagem são encontros de pessoas e lugares cuja as histórias estão impressas na matéria viva” (Balée, 2008 p.11), segundo ele a relação entre o homem e o ambiente deixam marcas que podem ser identificadas na paisagem, possibilitando ao pesquisador fazer uma espécie de leitura, que segundo Crumley, ele afirma que historicamente as Evidências amplamente disponíveis sobre as Inter- relações históricas entre humanos e meio ambiente podem ser lidas na paisagem” (Crumley 1994:6 apud Schaan, 2013 p. 1)

De acordo com Balée no que toca a ciência da paisagem ele afirma:

“[...] A ciência da paisagem pode ser traçada a Renascença na pintura, política, e noções de espaço e lugar [...]” (OLWING, 2002 apud Balée, 2008 p. 11). Em diferentes tempos e lugares, e em diferentes línguas, o termo sofreu mudanças semânticas: na historiografia europeia, *paysage*, *Landschaft*, *a paisagem*, *el Paisaje*, e *landscape*; através do tempo, podem se referir a diferentes unidades políticas, formas de territórios e conceitos” (BALÉE, 2008 p. 11).

Nota-se que a paisagem dependendo do lugar recebe ao longo do tempo diversas significações podendo se referir a diferentes unidades políticas, formas de territórios e conceitos. Conforme Balée (2008), em alguns casos a paisagem possui uma relação significativa com fragmentos políticos de estado, formas de territórios do feudalismo em alguns casos remetem-se aparentemente a apropriação e cultivo. Quanto para a Ecologia Histórica, Balée descreve:

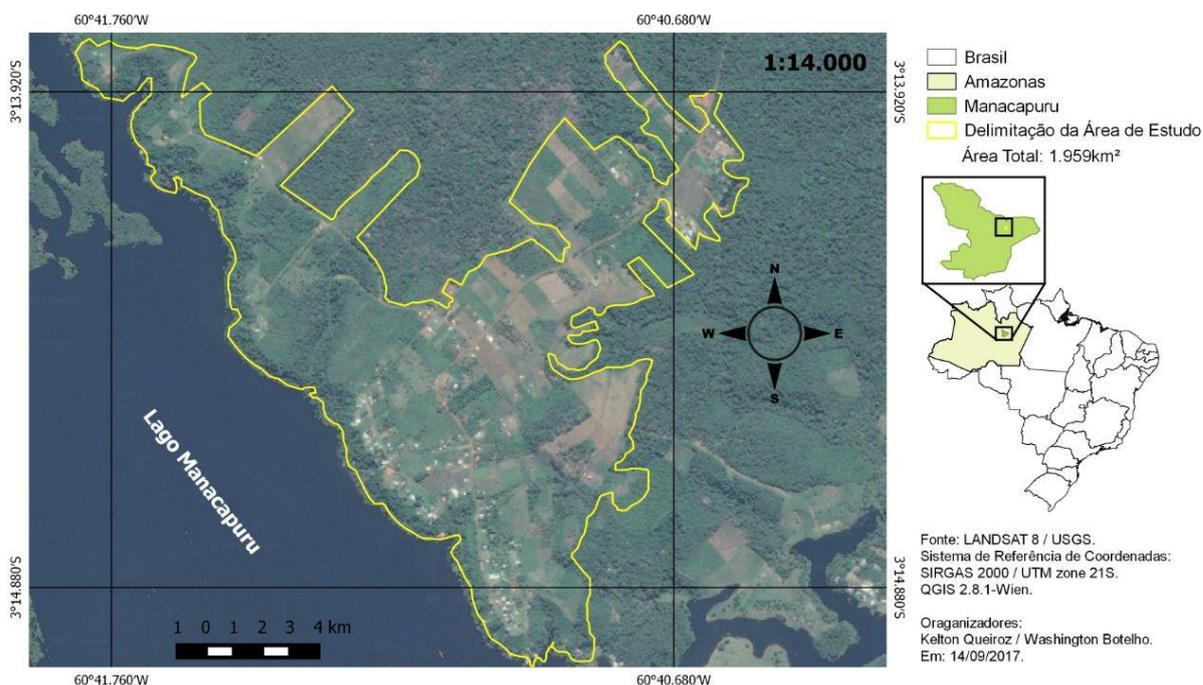
“[...] em Ecologia histórica, o termo é usado em um sentido operacional (Balée, 2006; Crumley, 2007), com raízes em noções passadas que designaram relações históricas dadas entre certos grupos de pessoas e ambientes definitivos, através do tempo, frequentemente com um conceito de tempo profundo, ou *la longue durée*” (BALÉE, 2008 p.11).

De acordo com Balée, (2008) as transformações nas paisagens realizadas pelos homens pretéritos, quando se tornam padronizada e compartilhadas em grupos sociais, são coletivamente chamadas de “culturas”

Observa-se que as pesquisas desenvolvidas na área da Arqueologia da Paisagem, direcionadas a Ecologia Histórica, contribuíram para um maior desenvolvimento dos estudos voltados no que diz respeito ao campo da História da paisagem. Esta abordagem tem sido de suma importância para um maior entendimento das feições da paisagem para isto, é necessário que o pesquisador englobe em sua pesquisa uma maior territorialidade, aumentando a sua escala, para poder entender o contexto em que o homem pretérito está inserido. É neste sentido que este trabalho vai se debruçar, com intuito de fazer uma análise de alguns sítios da região de Manacapuru, utilizando uma abordagem regional para compreender a relação do homem pretérito com o meio em que vive.

## 7. PAISAGEM DO SÍTIO AUTA DE SOUZA

### MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO



A comunidade Alta de Souza possui uma paisagem muito rica e exuberante contendo uma vista inigualável, situada a margem esquerda do Rio Manacapuru, a sua posição geográfica permiti ao observador, contemplar algumas belezas naturais como é o caso das ilhotas, que ficam na frente da comunidade, também é possível ter uma visão privilegiada da entrada e a saída do Rio, possibilitando uma visão estratégica do local.

Além da paisagem, o lugar também possui uma estrutura física diferente dos sítios encontrados na região de Manacapuru. Esta estrutura é semelhante a uma espécie de abrigo subterrâneo, que está situado na vertente da borda do platô abaixo do solo, no seu subsolo é composto por camadas de terra preta, uma camada de rocha sedimentar e outra camada de latossolo. A vertente, popularmente conhecido como encosta, termina no Rio Manacapuru, que banha a comunidade. É possível observar, uma parte da camada de rocha sedimentar que fica exposta contornando a borda do platô.

Segundo os relatos dos moradores atuais, o abrigo era utilizado por populações indígenas no passado e que fizeram ali uma espécie de abrigo subterrâneo, despertando a curiosidade da família que mora no local e da comunidade que vive nas adjacências.

Hoje a área pesquisada encontra-se bastante modificada em virtude da venda de lotes, acarretando em um crescimento habitacional contendo dezenas de casas, três pousadas e três comércios. O local de pesquisa também possui algumas áreas para plântio, com algumas estufas e área para criação de gado.

## 7.1 GEOLOGIA E GEOMORFOLOGIA DA REGIÃO DE MANACAPURU

A formação geológica de nossa região ocorreu em vários momentos, em diferentes tempos geológicos que segundo o relatório de impacto e meio ambiente da Cidade Universitária a Geologia é caracterizada:

“A Geologia Regional é caracterizada pela Bacia do Amazonas, a qual ocorreu ao longo do Paleozóico e recobre uma área de aproximadamente 500.000 km<sup>2</sup>. Os principais produtos litoestruturais da bacia sedimentar do Amazonas originaram-se a partir da atuação de vários eventos ou fases cinemáticas ao longo do Fanerozóico (Paleozóico, Mesozóico e Cenozóico). A estratigrafia da Bacia do Amazonas está agrupada em quatro sequências deposicionais, compostas por três paleozóicas cobertas por uma sequência clástica continental do Cretáceo ao Recente, e com soleiras e diques de diabásio do Mesozóico”. (Rima, 2012 Cidade Universitária p. 22).

Conforme o relatório de impacto do meio ambiente, da Cidade Universitária de 2012, relata que as cidades de Manaus, Iranduba e Manacapuru, apresenta uma geologia que consiste em rochas sedimentares da Bacia Sedimentar do Amazonas, destacando-se a Formação Alter do Chão que constitui o substrato. A Formação Alter do Chão, que é de idade Cretácica superior a Terciária, forma uma extensa faixa ao sul do município de Iranduba que vai até o Município de Manacapuru onde ocorrem, muitas vezes, confinada em grabens terciários encaixados nas rochas siluro-devonianas. É a unidade mais representativa da região conforme (figura 1).

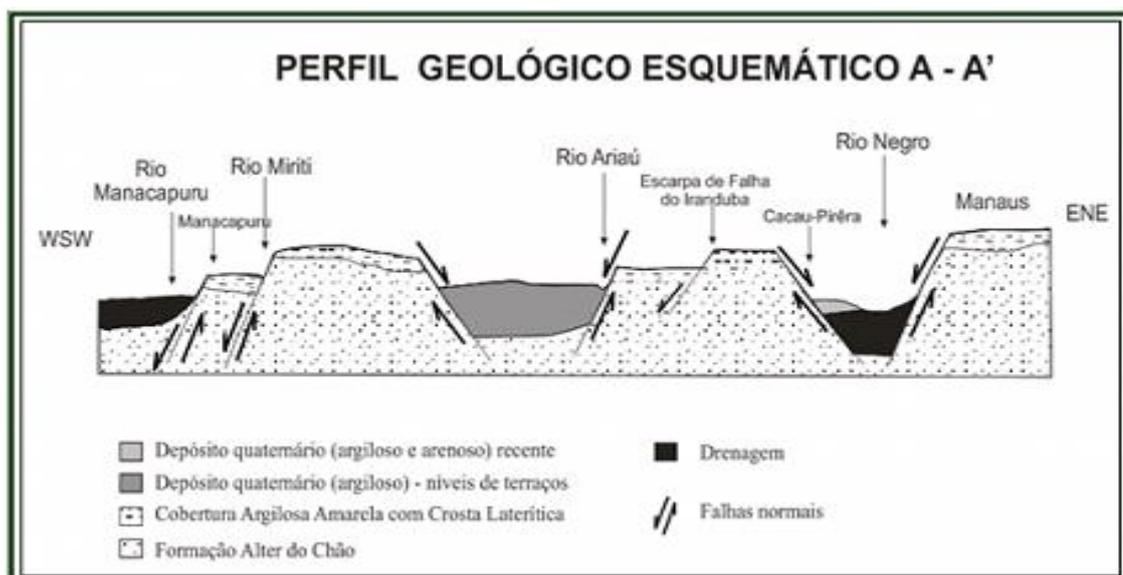


Figura 1- Seção geológica E-W (esquemática) da compartimentação da região de Cacaupirêra a Manacapuru (Silva, 2005apud ).

A característica geomorfológica dessa formação permite distingui-la facilmente das unidades paleozóicas da Bacia do Amazonas, constituída por arenitos finos a médios, com níveis argilosos, caulíníticos, inconsolidados, contendo grânulos de seixos de quartzo esparsos, com estratificação cruzada e plano-paralela. Ao longo da planície aluvionar do sistema Rio Solimões-Amazonas, a Formação Alter do Chão está coberta por depósitos aluvionares recentes e sub-recentes.

Geologicamente, o Estado do Amazonas é caracterizado por uma extensa cobertura sedimentar fanerozóica, distribuída nas bacias Acre, Solimões, Amazonas e Alto Tapajós, que se depositou sobre um substrato rochoso pré-cambriano onde predominam rochas de natureza ígnea, metamórfica e sedimentar (Reis, 2006 et al.)

Segundo Reis:

“A Bacia do Amazonas constitui uma unidade sedimentar intracratônica que limita duas principais áreas de embasamento arqueano proterozóico ao norte, o escudo das Guianas, e ao sul, o Escudo Brasil Central. Envolve uma área de aproximadamente 480.000 km<sup>2</sup>, que atravessa o estado do Pará, a leste e Amazonas a Oeste. A leste o arco Gurupá assinala os limites entre a Bacia do Amazonas e a Fossa Marajó, e a oeste o Arco Purus limita as bacia do Amazonas e Solimões ” (Reis, 2006 et al. p. 23).



Fonte: Adaptado de Rima 2012 – UEA – Cidade Universitária

Segundo a Rima, 2012 da Cidade universitária descreve:

Na região de estudo, a formação da Sequência Cretáceo-Terciária, os processos de abertura do Oceano Atlântico e a subducção na porção Andina deram origem a uma reativação tectônica de caráter cisalhante denominada de Diastrofismo Juruá. De acordo com a classificação atual proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em relação Geomorfologia estabeleceu-se para esta localidade duas macrocompartimentações: A Planície Interiorana, que também pode ser identificada como Planície Amazônica e o Planalto Dissecado Rio Trombetas-Rio Negro ou Baixo Platôs da Depressão Amazônica. A área de estudo se localiza dentro da unidade de Baixos Platôs da Depressão Amazônica. Caracterizando-se o seu relevo de Planalto (RIMA, 2012 Cidade universitária p. 27).

Observa-se no que toca a geologia de nossa região, a qual está inserida a nossa área de pesquisa, está localizada em uma bacia sedimentar do Solimões que apresenta sedimentos arenosos intercalados com argilas, ocasionalmente com trufas (Maia et al., 2010 p. 30) estando sobreposta por uma formação denominada Alter do Chão que é do período Cretáceo Superior. A área de pesquisa está

localizada sobre a borda dos baixos platôs da depressão Amazônica, que tem como características geomorfológicas de relevo denominada de Planalto.

## 7.2 CLIMA

Segundo o Dicionário Houaiss, o clima é um conjunto de condições atmosféricas, que caracterizam uma região, pela influência que exercem sobre a vida na terra. Para (MARENGO, 2007 apud Rima, 2012) o Clima é definido como o conjunto das condições atmosféricas que ocorrem com maior frequência em um lugar da superfície terrestre. São as variáveis das médias como: temperatura, precipitações, pressão atmosférica e o vento.

De acordo com o Relatório de meio ambiente, o clima ele varia de lugar para lugar:

“O clima ele varia de lugar para lugar, dependendo da latitude, altitude, relevo, continentalidade, maritimidade, vegetação, solo e outros. O clima também varia no tempo: Sazonalmente, anualmente, décadas e mais longo período, tais como eras glaciais e inter-glaciais” [...] (RIMA 2012 Cidade universitária p. 46).

Observa-se que vários fatores contribuem para algumas mudanças climáticas, algumas delas também são atribuídas aos homens, segundo o relatório:

“[...] Mudanças no clima é uma mudança atribuída direta ou indiretamente à atividade humana que altera a composição da atmosfera global e que seja adicional à variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis de tempo. A mudança do clima, como mencionada no registro observacional do clima, ocorre por causa de mudanças internas dentro do sistema climático ou na interação de seus componentes, ou por causa das mudanças na forçante externa por razões naturais, ou ainda devido às atividades humanas” (Rima 2012 p. 47).

Um dos modelos mais utilizados, para realizar a classificação do clima, é o modelo de Koppen, onde ele vai relacionar o clima com a vegetação. Neste esquema são considerados:

“[...] são considerados a sazonalidade e os valores médios anuais e mensais de temperatura do ar e precipitação a classificação de Koppen

divide os climas em cinco grandes grupos (A, B, C D e E) e diversos tipos e subtipos [...]” (RIMA, 2012 p. 47).

Como podemos observar na (TABELA 1) abaixo:

Código	Grupo	Descrição
<b>A</b>	Clima tropical	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Climas megatérmicos</li> <li>• Temperatura média do mês mais frio do ano &gt; 18 °C</li> <li>• Estação invernal ausente</li> <li>• Forte precipitação anual (superior à evapotranspiração potencial anual)</li> </ul>
<b>B</b>	Clima árido	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Climas secos (precipitação anual inferior a 500mm).</li> <li>• Evapotranspiração potencial anual superior à precipitação anual.</li> <li>• Não existem cursos de água permanentes.</li> </ul>
<b>C</b>	Clima temperado ou Clima temperado quente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Climas mesotérmicos</li> <li>• Temperatura média do ar dos 3 meses mais frios compreendidas entre -3 °C e 18 °C.</li> <li>• Temperatura média do mês mais quente &gt; 10 °C.</li> <li>• Estações de Verão e Inverno bem definidas.</li> </ul>
<b>D</b>	Clima continental ou Clima temperado frio	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Climas microtérmicos.</li> <li>• Temperatura média do ar no mês mais frio &lt; -3 °C</li> <li>• Temperatura média do ar no mês mais quente &gt; 10°C</li> <li>• Estações de Verão e Inverno bem definidas</li> </ul>
<b>E</b>	Clima glacial	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Climas polares e de alta montanha.</li> <li>• Temperatura média do ar no mês mais quente &lt; 10 °C.</li> <li>• Estação do Verão pouco definida ou inexistente.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Rima 2012 – UEA – Cidade Universitária

De acordo com Koppen, na tabela acima, o clima para nossa região é classificado como Trópico de Monção tipo AM, possuindo características de clima megatérmico, estação de inverno ausente, intensa precipitação anual superior a evapotranspiração potencial, com ocorrência de precipitação em todos os meses do ano e temperatura média do mês mais frio do ano acima de 18 C°.

### 7.3 VEGETAÇÃO

A Comunidade Auta de Souza apresenta uma vegetação com três características distintas, a primeira é composta por uma vegetação, caracterizada por floresta ombrófila Densa de Terra Firme e a segunda possui características de uma vegetação secundária, e a terceira é caracterizada como floresta ombrófila

Aluvial Densa de igapó. De acordo com AB'SÁBER (2003), a vegetação que compõe a região Amazônica caracterizada por Terra Firme, passou por um processo de expansão a partir de mudanças climáticas resultaram em um revestimento de grandes matas. Assim ele afirma:

“É importante salientar o fato de que, através deste processo de expansão e generalização de florestas pelo espaço total da Amazônia brasileira, 94% das Terras firmes regionais (tabuleiros, baixos platôs, baixos chapadões e eventuais serrinhas) foram totalmente revestidos por grandes matas que comportam sutis diferenças de padrão”[...] (Ab'Sáber, 2003 p.78).

Segundo Sioli, (1985) a terra firme está situada em locais elevados que não são atingidos pelas cheias. Quanto à dimensão da floresta ele descreve:

“[...] A terra firme delimita o vale o vale do rio Amazonas de ambos os lados, recoberta por quase toda parte pela floresta alta amazônica, muito além de onde a vista pode alcançar, de um avião.[...] a floresta se estende sobre uma área de pelo menos  $4,5 \times 1000^3$  Km<sup>2</sup>. Sua continuidade espacial só é rompida por campos maiores e menores, como clareiras naturais espaças que são savanas”[...] (Sioli, 1985 p. 27, 28).

Nota-se que a extensão das florestas de terra firme na Amazônia possui uma territorialidade gigantesca, comparada a outros tipos de florestas como a de várzea e igapó.

De acordo com o EPIA-RIMA, 2012, as floresta de terra firme possuem uma fisionomia exuberante, com algumas árvores grossas e muito altas. No que toca o aspecto do solo, apresentam Serapilheiras com alguns excrementos de Minhocoçu. Também possuem uma variedade de espécies botânicas como: Burseraceae, Melastomataceae, Lecythidaceae, Sapotaceae, Dillenicaceae (cipó d'água) entre outras.

Outro tipo de Floresta que área de pesquisa possui, é a floresta secundária de Terra firme, conhecida como Capoeirão, este tipo de floresta possui uma vegetação mais baixa em relação à floresta de terra firme, e também apresentam ocorrências de Lianas, palmeiras com espinhos, contendo arvores não muito grossas.

A terceira vegetação é a Floresta Ombrófila Densa Aluvial de Igapó que Segundo Sioli (1985), são matas inundadas ou alagadas. A origem deste tipo de floresta está relacionada ao período Terciário como afirma Ferreira:

“[...] enquanto os igapós estão normalmente estão associados ao período do Terciário e Pré- Cambriano. Isto resulta em diferenças físico-químicas importantes nos rios deste ambiente e a flora associada é altamente adaptada a condição de inundação, sedimentação, erosão, pH, produtividade entre outros fatores”. (FERREIRA et al., 2005).

Segundo Ferreira (2005), as florestas de igapó crescem em solos caracterizados Hidromórficos que são de origem Terciária, considerados ácidos e pobres em nutrientes, devido à ausência de sedimentos. Na área de estudo foi possível observar algumas espécies arbóreas que são típicas da floresta de igapó como: (*O. Berg*) *Miers (macacarecuia)*, *macrófita aquática*, *Simaba guianensis* entre outras.

## 7.4 Recursos Hídricos

O marco inicial para os estudos voltados a hidrologia da região Amazônica segundo Silva, 2005 teve início em 1950, com o pesquisador Hilgard Sternberg, que lançou um artigo sobre o título de: Vales tectônicos na Planície Amazônica? Onde falava que os rios da Amazônia tinham sido condicionados em falhas geológicas. Conforme Silva:

[...] “O Rio Negro corre em uma impressionante zona de falha normal, que se estende por cerca de 70 km em linha reta, e controla ambas as margens. Essa estrutura geológica forma grábens (áreas em depressão), que são locais propícios à sedimentação atual. Sendo que o arquipélago de Anavilhanas e os depósitos de Cacau- Pereira, próximo a Manaus são resultante da interrelação entre processos de sedimentação e fenômenos tectônicos” (Silva, 2005 p.24)

Observa-se, que de acordo com Silva, (2005), o Rio Negro corre em uma falha geológica que se estende por 70 km em uma estrutura geológica caracterizada de grábens, situado em uma área de depressão. As falhas geológicas produzem deslocamento de camadas e superfícies topográficas, alterando a morfologia da paisagem Amazônica, resultado da fricção entre os blocos de rochas, que é comum serem observados nos espelhos de falhas, estrias de atrito e brechas de falha.

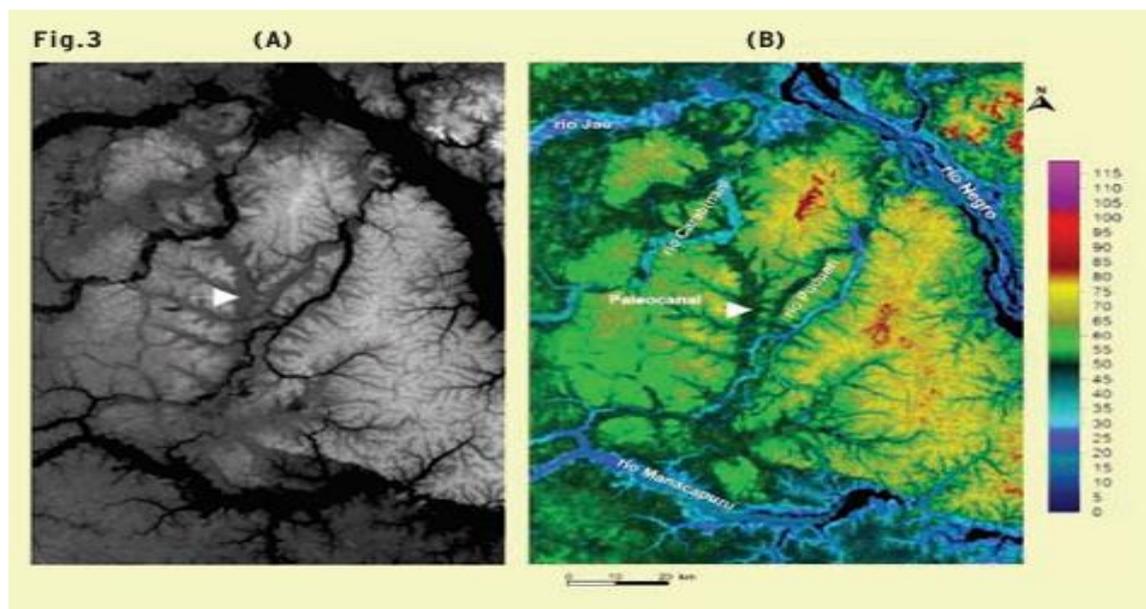
De acordo com Silva (2005), em relação às falhas geológicas:

[...] “é sabido que o desenvolvimento dessas falhas está associado à atividade sísmica no passado. Registros de terremotos, com epicentros situados na região Amazônica, não são insignificante e mostram que a região apresenta sismicidade natural recorrente” [...] (SILVA, 2005 p.24).

Observa-se que os abalos sísmicos, influenciam no desenvolvimento das falhas geológicas, resultando em uma transformação da dinâmica dos rios da Amazônia. Segundo Silva:

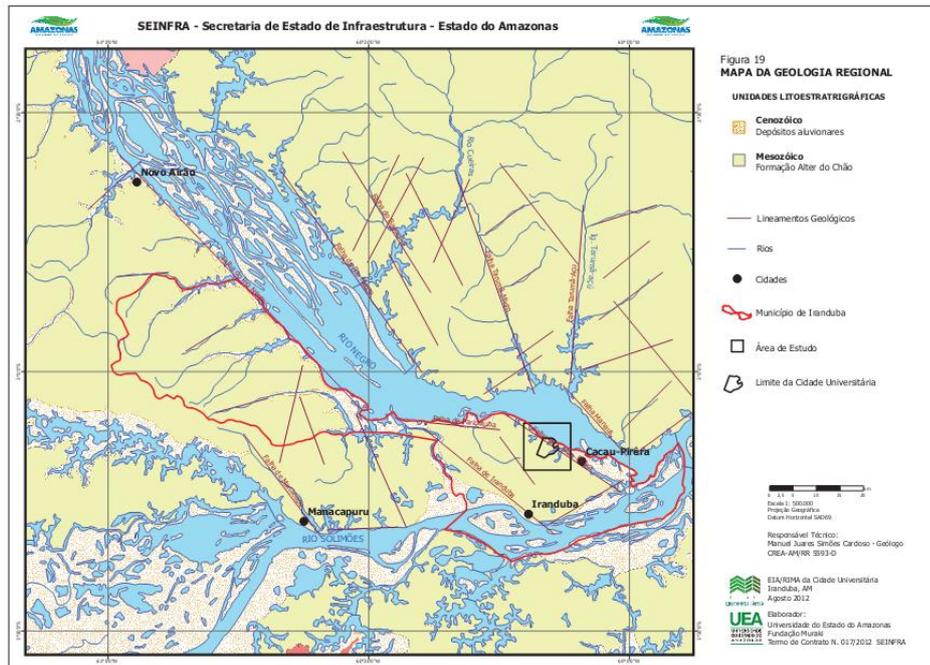
“Os estudos têm mostrado que a atuação das falhas geológicas, causa significativas mudanças na paisagem amazônica, inclusive influenciando a dinâmica fluvial dos rios amazônicos. Mega migrações do rio Solimões, surgimento e o desaparecimento de bancos de areias o desmoronamento de margens (fenômeno de Terras caídas), e o abandono de leitos são, muitas vezes, consequências indireta dos processos tectônicos” (SILVA, 2005 p.24)

Segundo ele, a dinâmica das movimentações dos rios não é aleatória, grandes migrações e mudanças de leitos são recorrentes, chegando a alcançar algumas dezenas de quilômetros, sendo registrados extensos pacotes de sedimentos, terraços e lagos ao longo da calha do sistema do rio Amazonas. Estes estudos quando associados aos registros geológicos, geomorfológicos e tectônicos, permitem montar a Paleogeografia do Rio Amazonas (Silva, 2005 p. 24).



(Figura 3). Modelo digital de elevação (CRTM) em A e B mostrando o antigo paleocanal entre os rios Puduari e Carabinani, que ligava o rio Negro e o Manacapuru (Bezerra, 2003).

Mapa Geológico Regional que mostra o Rio Manacapuru sobre uma falha (Figura 4)



(Fonte: Adaptado de Rima 2012 – UEA – Cidade Universitária)

O Rio Manacapuru é um rio considerado de pequeno porte, está localizado a margem esquerda do rio Amazonas, este rio, apresenta uma coloração escura, caracterizado como rio de água preta, com pouco material suspenso, no que tange a sua morfologia, como afirma Sioli:

[...] “no que concerne a morfologia dos cursos, os grandes rios de águas claras e águas pretas não se distinguem, no entanto fundamentalmente entre si, tanto mais que a água de ambos é pobre em material suspenso” (Sioli, 1985 p. 42).

O rio Manacapuru é caracterizado como um rio pretérito, devido está sobre uma falha geológica, suas águas apresentam uma coloração escura com pouca visibilidade. Segundo Sioli, em sua caracterização dos rios de águas pretas na Amazônia, ele escreve:

[...]. Outros rios são portadores de águas pretas, que se assemelham no leito fluvial, a café preto e, no copo, a chá fraco, com profundidades limites de visibilidade, variando de 1,5 a 2,5 m. [...]” ( Sioli, 1985 p.31).

Ainda em relação aos rios de água preta, de acordo ABSABER, 2003, este tipo de rio, nascem em terras firmes excessivamente florestadas. Quanto à coloração dos rios de águas pretas ele diz:

[...] Os rios negros possuem, na realidade uma cor que varia entre marrom-tijolo e pó-de-café, sendo quase totalmente desprovido de material clástico em solução. Entretanto, os raros e pequenos bancos de areia, dispostos em alguns setores rebaixados de suas margens ou em praias de estiagem, revelam algum transporte Basal-lateral de sedimentos arenosos, por retrabalhamento de areias de terraços fluviais também arenosos, da beira do rio principal ou de vales afluentes” (Absaber, 2003 p. 70).

Nota-se que o rio Manacapuru hoje, possui o seu curso diferente das imagens observadas dos paleocanais, mostrando uma dinâmica distinta, segundo Absaber, (2003), estas mudanças são consequências causadas pelos abalos sísmicos, que causam as movimentações tectônicas, influenciando diretamente nas mudanças dos leitos dos cursos Hídricos. É o que acontece com o Rio Negro que antigamente era interligado com o rio Manacapuru através dos rios Carabinani e Puduari.

## 8. CARACTERIZAÇÃO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO SÍTIO DA COMUNIDADE AUTA DE SOUZA

### 8.1 Cerâmica

As cerâmicas indígenas são de suma importância para o estudo de um sítio arqueológico, pois, é o artefato mais recorrente em um sítio, geralmente estão associados às Terras pretas e são encontrados em grandes quantidades. De acordo com Prous (1992), no que diz respeito a sua fabricação, ele afirma que é uma técnica relativamente recente, até mais do que o polimento da pedra, mas que se difundiu rapidamente no mundo. A abundância de fragmentos chega a ofuscar os materiais líticos.

Segundo Prous (1992), a partir da argila, a cerâmica é fabricada com a finalidade básica de produção de vasilhas, a composição química da argila é descrita por ele como:

“[...] As argilas são silicatos de alumínio com diferentes graus de hidratação e quantidade variável de impurezas, sendo a fórmula básica  $AL_2O_3 \cdot 2SiO_2 \cdot 2H_2O$ . As argilas são formadas por partículas muito finas, com água intersticial. Por isso são plásticas, ou seja, podem ser modeladas: Uma pressão as deforma e, até acontecer nova pressão, conservam essa forma imposta. No entanto, esse resultado é reversível, já que qualquer força mecânica pode alterar o objeto modelado” ( Prous, 1992 p.90).

De acordo com Prous (1992), as argilas dependendo do seu tipo, reagem de formas diferentes no que toca a sua queima, dependendo da sua composição. Ele explica que todas possuem uma textura fina com partículas inferiores a 0,1 mm, em estado coloidal, mas existem espécies de argilas que absorvem pouca água e outras que absorvem muita água e influenciam diretamente no aparecimento ou não de rachaduras. Assim ele descreve:

“[...] mas uma delas, a caulinita, absorve muito pouca água entre suas partículas, o que faz com que, quando se queima, não apresente quase retração, ou seja, há pouquíssima perda de volume, evitando-se assim um rachamento[...].Acontece o contrário no caso de outra argila, a montmorilonita, que absorve muita água; quando ressecada a saída de água é tamanha que aparecem fendas, devido a uma redução que chega a 10% do volume” [...] (PROUS, 1992 p.90).

Conforme Prous (1992), as argilas também variam de cores, destacando-se o caulim que possui uma coloração branca, quanto aos outros tipos de argilas, dependendo de suas impurezas orgânicas e minerais, como ferro e manganês, podem lhes dar uma coloração como: Cinza, preta, creme ou avermelhada. De acordo com ele:

“[...] Quando queimadas as argilas brancas e cinzas costumam ficar brancas porque os compostos orgânicos tendem a ser destruídos, enquanto as outras tornam-se vermelhas, alaranjadas ou amarelas, a não ser em casos particulares [...]” (PROUS, 1992 p. 90).

Assim, as argilas se tornam impenetráveis, sobre tudo dos fluídos líquidos sendo impermeáveis, quando são sujeitas a queima, quanto a sua temperatura que varia de 450°C até 600°C em média (Prous, 1992 p. 90).

A cerâmica possui uma porosidade alta de 30%. Segundo Barreto, (20xx), no que diz respeito à história da cerâmica, ela constitui o resto material formado pelo artefato de barro queimado em fogueiras ou fornos, também chamado de terracota (BARRETO, 2010 p. 169).

As propriedades plásticas da argila são conhecidas desde o Paleolítico Superior, quanto as cerâmicas mais antiga segundo Barreto:

“[...] como provam algumas estatuetas de barro moldadas na Europa continental, mais os mais antigos vasilhames utilitários cerâmicos foram fabricados no Japão a partir do décimo milênio A.E.C. No Oriente Médio eles aparecem por volta de 6.000 A.E.C. e no Novo Mundo no norte da América do Sul depois de 5.000 A.E.C. Aos poucos por difusão das técnicas ou invenção independente, a cerâmica passou a ser produzida em todas as sociedades sedentárias do mundo (FAGAN, op. Cit. apud Barreto, 2010 p.169).

Já para América do Sul, de acordo com Barreto, (2010), as cerâmicas mais antigas se encontram na Zona do Salgado, no Pará proveniente de grupos caçadores- pescadores litorâneos, que fabricavam uma cerâmica simples datando 3.000 A.E.C. Segundo ele, datas mais remotas foram encontradas em Santarém no Sítio Taperinha. Através das datações radiométricas e por termoluminescência, obtiveram datações que retrocedem até o quinto milênio A.E.C. (BARRETO, 2010 p. 169).

Conforme, Barreto (2010), A cerâmica em seus primórdios esteve ligada a atividades domésticas, servindo para preparar, armazenar e consumir os alimentos. Posteriormente se diversificou servindo para uma infinidade propósitos:

“[...] o emprego de objetos de argila queimada na vida cotidiana se diversificou e eles passaram a ser fabricados para uma infinidade de propósitos, como vasos cerimoniais ou decorativos, urnas funerárias,

bandejas, garrafas, lamparinas, ídolos, adornos, brinquedos etc...” (BARRETO, 2010 p. 171).

Nota-se que a cerâmica permite ao Arqueólogo, fazer inferências no que tange o modo de vida das sociedades pré-coloniais, como mudanças de técnicas, fabricação dos objetos, padrões de uso do espaço habitacional, o tempo de permanência no local entre outros. (BARRETO, 2010 p. 173).

Conforme Barreto:

“Por muito tempo, na história da Arqueologia brasileira, a cerâmica foi a principal fonte de definição e reconstituição das culturas pré-históricas. Na Amazônia, em particular, esse procedimento metodológico era ainda mais estimulado pelos achados de objetos cerâmicos pré-colombianos com formas complexas e de inusitada beleza plástica e/ ou pintada, tais como as urnas e outros artefatos de barro encontrados em lugares como Marajó, Santarém, Maracá, Miracanguera e Cunani, o que deu azo para que pouca atenção fosse despendida aos outros tipos de vestígios” [...] (BARRETO, 2010 p.173).

Observa-se que o estudo da cerâmica, no começo a atenção era apenas para as vasilhas que possuíam um padrão de beleza diferenciado. Segundo Barreto, (20xx), Na Amazônia em 1948 o casal Meggers e Evans, utilizou o método Ford, que é de análise quantitativa, para classificar as tipologias da cerâmica, com o propósito de definir fases culturais e cronologias relativas (BARRETO, 2010 p.174).

Este método foi utilizado durante o PRONAPA (1965-1970) e o PRONAPABA (1976-1983), de acordo com Barreto, (2010), a cerâmica permite detectar as mudanças que sofreram, servindo de base para definir as sequências cronológicas e rotas de difusão cultural. Mas o método foi criticado tanto teoricamente como metodologicamente de acordo com Barreto:

“[...] A demasiada importância atribuída ao antiplástico na definição das, resultou na “elaboração de seriações com pouca consistência epistemológica” (Albuquerque, 1991 p.119). Resumindo, como os fragmentos eram classificados basicamente por sua decoração e antiplástico e as fases diagnosticadas essencialmente pela frequência dos tipos cerâmicos, os elementos utilizados não eram muitos sólidos” (ALBUQUERQUE, 1991 p.119 apud Barreto, 2010 p.177).

A partir da década de 80, surgiram novas metodologias de análise e classificação da cerâmica pré-histórica, partindo de uma perspectiva sistêmica, ou seja, pelo reconhecimento dos conjuntos de métodos e procedimentos práticos para elaboração das peças, os atributos são de suma importância para se definir o perfil técnico cerâmico (BARRETO, 2010 p. 178).

No sítio arqueológico que está situado na Comunidade Auta de Souza é possível visualizar muitos fragmentos cerâmicos que estão distribuídos no solo associado a (TPA) Terra preta arqueológica. Foi possível evidenciar alguns fragmentos nas plantações, na vertente próximo ao abrigo subterrâneo e também na área de praia próximo ao rio Manacapuru. As cerâmicas são evidências e indicadores da existência da presença humana. Neste sentido, é de suma importância para identificar um sítio arqueológico.

## 8.2 TERRA PRETA

. A comunidade Auta de Souza possui uma riqueza muito grande no que diz respeito aos seus tipos de solo, localizada na região da Amazônia Central, mais precisamente as margem esquerda do Rio Manacapuru, os solos que predominam nesta região são: O Latossolo com pacotes intercalados de Lateritas, a terra Mulata e a Terra Preta que está distribuída na área da comunidade, partindo da borda do platô, que está localizada a sudoeste, em direção ao Noroeste da borda, pode chegar até 100m comprimento.

Os primeiros trabalhos que citam a respeito deste tipo de solo, foram desenvolvidos por Sombroek em 1966 e Smith em 1980, o qual citaram em relação a existência deste solo destacando-se a coloração escura, apresentando fertilidade relacionada a atividade humana. Já o trabalho do Smith, foi constatado que a terra preta de índio foi encontrada associada a fragmentos cerâmicos possuindo um alto conteúdo de fósforo (Sombroek, 1966 e Smith, 1980 apud Schaan, 2006 p. 2).

Segundo Denevam, (2009), as Terras pretas antropogênicas, apresentaram uma larga ocorrência em áreas ribeirinhas, variando em torno de um hectare a 100

hectares, de acordo com ele, as terras que apresentam uma coloração mais escura indicam que podem ter sido geradas através dos lixos desenvolvidos pelas vilas pré-européias, constituídas de cinzas de carvão, fragmentos cerâmicos, fezes, ossos e restos domésticos de um jardim entre outras. (Denevan, 2009 p. 82)

De acordo com Woods, 2009 em relação às Terras Pretas ele afirma que este tipo de solo está associado à habitação, já o solo de Terra Mulata apresenta poucos materiais culturais, aparentando não está associado com habitação assim ele afirma:

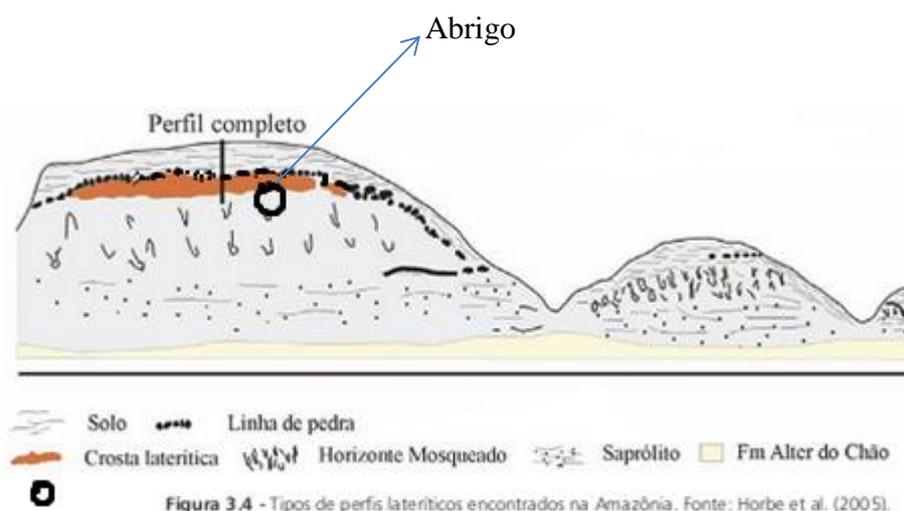
“ [...] Nas Terras Pretas de Índio a situação é ainda mais complexa. Não somente não há úteis registros históricos, mas existe uma sequencia de expressões extremas dessas entidades, por um lado tem-se a “verdadeira” terra preta e por outro a forma conhecida como terra mulata (Sombroek 1966; Woods and McCann 1999). Terra preta é caracterizada por altas concentrações de determinados elementos químicos (e.g. P, Ca, K, Cu, Zn) que estão associados a atividades por habitações humanas, elevadas concentrações de matéria orgânica e black carbon, e abundante artefatos culturais, i.e. Características de resíduos (midden) ; enquanto terra mulata não aparenta estar diretamente associada com habitação por apresentar poucos materiais culturais e os elementos indicativos e espaciais são periféricos para a formação de sítios de ocupação. No entanto, contêm níveis elevados de matéria orgânica e black carbono (Woods et al., 2009 p.70).

Nota-se que a Terra Preta, possui riqueza no que toca a sua fertilidade, e a sua composição química possui uma elevada concentração de resíduos orgânicos que estão associados diretamente a ocupações pretéritas. Constatando, que este tipo de solo é um rico artefato cultural, de suma importância para as pesquisas tanto arqueológicas como para outras disciplinas para uma maior compreensão no que diz respeito a sua origem e o seu desenvolvimento.

Hoje a Terra preta é muito utilizada pelas famílias ribeirinhas que praticam a agricultura familiar, como é o caso da área da comunidade Auta de Souza que possui em seu solo um grande pacote de Terra Preta, sendo fundamental para a prática do plantio.

### 8.3 ESTRUTURA SUBTERRÂNEA

(Figura5)



(Fonte: adaptada de Maia et al., 2010 por Botelho,2017)

A comunidade Auta de Souza, além de possuir uma riqueza paisagística, também é contemplada, no que diz respeito a sua cultura material. Esta riqueza pode ser percebida, pelas marcas deixadas em sua paisagem, como é o caso da estrutura de abrigo que segundo os relatos do filho de Dona Eritréia o senhor Gilmore Kina, o local era utilizado por populações indígenas no passado e que fizeram ali uma espécie de um abrigo subterrâneo, despertando na atualidade a curiosidade da família que mora no local e da comunidade que vive nas adjacências.

Gilmore Kina, também relata que quando eles foram aradar a terra para fazerem suas plantações, encontraram algumas pedras de urisco e machadinhas, que segundo ele, encheram dois baldes, mas hoje não é possível observá-las, pois não se encontram mais em sua posse. De acordo com ele, quando perguntado como era o abrigo antes de fazerem as mudanças na estrutura ele responde:

“A entrada da gruta media um metro de diâmetro. Ao entrar logo na frente tinha uma câmara que media mais ou menos um metro e meio de comprimento, antes de chegar no fundo, a minha esquerda, também tinha uma outra entrada para outra câmara. Ao entrar, a minha direita na parte de cima, eu olhei vi uns buracos que se encontravam vasos e também osso que pareciam ser de crianças. Também encontrei uma escultura feita de barro num formato de cabeça de pássaro” (Entrevista informal agosto, 2017).

Ao relatar como era o abrigo, perguntei-lhe sobre os materiais e os ossos que ele encontrou se ainda estavam em sua posse, assim ele responde:

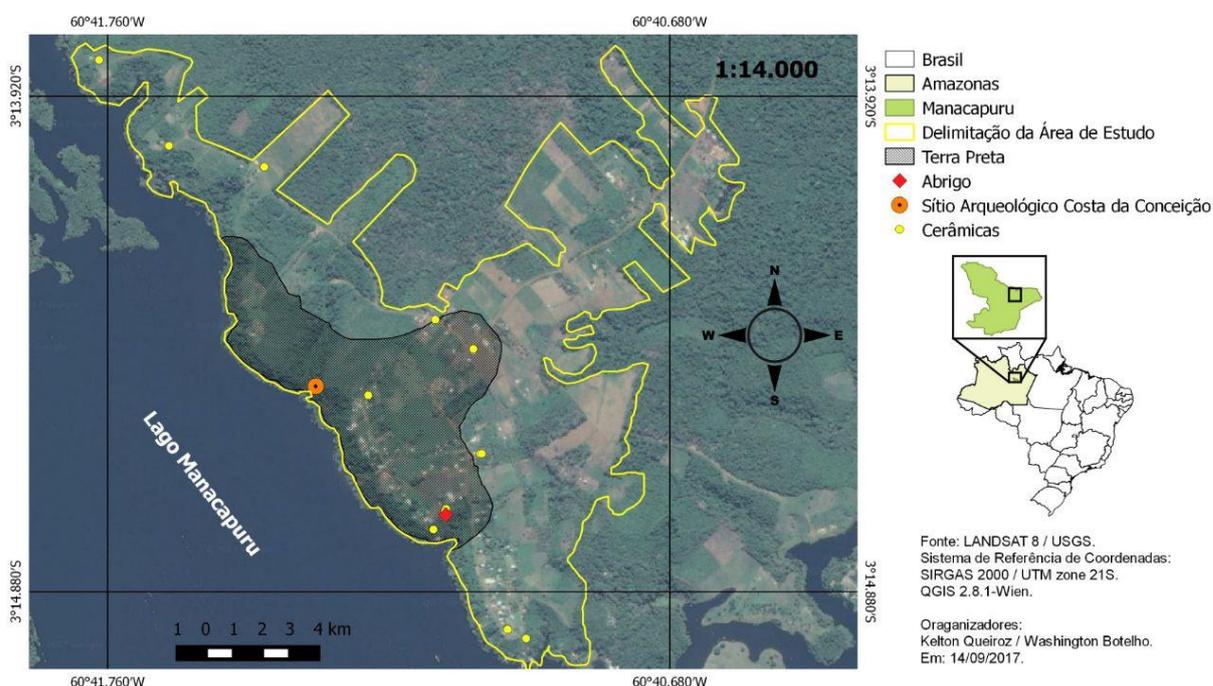
“Não, hoje não tenho mais nada, toda vez que vinha um visitante, me pediam e eu dava, e os ossos eu joguei fora, porque não sabia o que fazer com aquilo, hoje a única coisa que sobrou foi esta peça feita de barro que parece uma tampa” (Entrevista informal agosto, 2017).

Observa-se que o abrigo segundo seus relatos possuía alguns artefatos associados a uma ossada que foi depositada dentro da gruta e que hoje não estão mais em sua posse, ficando apenas a sua informação oral.

Na atualidade, a estrutura de abrigo encontra-se bastante modificada, tanto o caminho que leva ao acesso como a entrada que passou por uma intervenção artística feita por ele. No caminho que leva ao acesso paralelo ao paredão ele esculpiu colunas até a entrada aumentando o buraco que dava acesso ao abrigo, que depois da intervenção, ficou com um formato de um arco romano. Modificando totalmente a estrutura.

## 9 ANÁLISE E DISCUSSÕES

### MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DA COMUNIDADE AUTA DE SOUZA



Ao aplicarmos alguns métodos da Arqueologia da paisagem, através das ferramentas de georeferenciamento, como imagens de satélites, leitura de coordenadas geográficas entre outras, nos proporcionou fazer a elaboração de mapas, que foram de suma importância para entendermos, como os vestígios arqueológicos que se encontram na Comunidade, estão distribuídos na paisagem, possibilitando visualizar as mudanças que ocorreram no espaço. Segundo Schaan (2013), o estudo da transformação da paisagem é feito pela a Arqueologia da paisagem, que busca interpretar a dimensão histórica e espacial. Sendo que a principais ferramentas e metodologias para o estudo da paisagem amazônica são:

“[...] imagens de satélite, interpretação de fotografias aéreas não convencionais, prospecção aérea com pequenas aeronaves, prospecção terrestre, mapeamento com GPS e estação total, escavações, inventários florestais, pesquisa de fontes históricas, etnografia e uso de sistemas de

informações geográficas (SIG) (Balée et al., 2014; Crumley, 1994b; Erickson, 1995; Schaan et al., 2010 apud Schaan, 2013 p.22).

O primeiro vestígio que foi identificado na área da pesquisa, foi a (TPA) Terra preta de arqueológica, através de caminhamento marcando as coordenadas com o GPS. Pode-se notar que o pacote que está disposto no local, possui um bolsão com uma dimensão considerada grande. Vale ressaltar que não foi possível andar em algumas propriedades devido a não autorização por uma pequena parte de moradores, mas mesmo com estes pequenos intemperes foi possível mapear a maior parte do bolsão que se encontra disposto na paisagem.

Outro vestígio que foi identificado na área da pesquisa foram os fragmentos cerâmicos que estão localizados na superfície do terreno, onde geralmente estão associados as terras pretas. Dentre as áreas que mais tiveram ocorrências, se destacam as áreas de atividades agrícolas, próximo a moradias, nas vertentes e também próximo ao rio.

Para Barreto (2010), A cerâmica em seus primórdios esteve ligada a atividades domésticas, servindo para preparar, armazenar e consumir os alimentos. Posteriormente se diversificou servindo para uma infinidade propósitos assim ele afirma:

“[...] o emprego de objetos de argila queimada na vida cotidiana se diversificou e eles passaram a ser fabricados para uma infinidade de propósitos, como vasos cerimoniais ou decorativos, urnas funerárias, bandejas, garrafas, lamparinas, ídolos, adornos, brinquedos etc...” (BARRETO, 2010 p. 171).



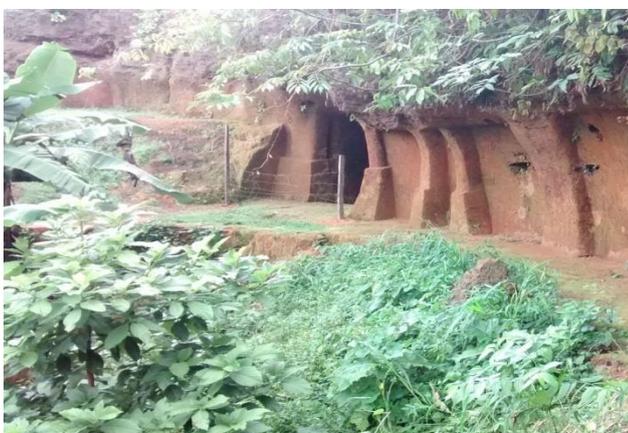
(Fonte: Washington Botelho, 2017)

A primeira imagem é de um fragmento cerâmico que foi encontrado em uma plantação de mamão, a segunda representa um artefato que está associado à estrutura de abrigo subterrâneo que foi encontrada por um morador no local supracitado.



(Fonte: Washington Botelho, 2017)

Também foi possível registrar estes dois buracos, que segundo os relatos dos antigos moradores foram feitos pelos povos indígenas no passado. Ao analisar estes orifícios elaborados sobre a rocha, percebemos que se assemelham com sucros que possivelmente serviram como uma espécie de amoladores.



(Fonte: Joicy Botelho, 2017)

Outro vestígio que chama a atenção dos moradores, pesquisadores e visitantes é a estrutura de abrigo subterrâneo, que segundo os relatos dos moradores mais antigos foi utilizado por populações indígenas no passado. Na atualidade encontra-se bastante modificado, tanto o caminho que leva ao acesso, como na entrada, que passou por uma intervenção artística pelo morador Gilmore Kina. As intervenções que o abrigo sofreu foram feitas no caminho que leva ao acesso onde foram esculpidas algumas colunas até a entrada aumentando o buraco que dava acesso ao abrigo, que depois da intervenção, ficou com um formato de um arco romano, dando uma nova roupagem para a estrutura de abrigo.

O sítio arqueológico Costa da Conceição, que está destacado em laranja no mapa de distribuição dos vestígios arqueológico, foi cadastrado no IPHAN, pelo Arqueólogo Kázuo ao investigar as informações que foram deixadas pelo Arqueólogo constatou-se que o sítio não possui uma delimitação, pois, foi registrado com apenas uma coordenada geográfica. É possível perceber na imagem, que ele está dentro da área da Comunidade Auta de Souza, indicando ser o mesmo assentamento no passado.

(Tabela 2) Tabela de Categorias de materiais de alguns sítios de Manacapuru

<b>SÍTIO ARQUEOLÓGICO</b>	<b>CERÂMICA</b>	<b>(TPA)</b>	<b>LÍTICOS</b>	<b>ABRIGO</b>	<b>SUCRO</b>
Jacuruxi					
Monte Cristo					
Costa da Conceição					
N <sup>a</sup> Senhora do Perpetuo Socorro					

Schaan (2004), afirma que o estudo de nível regional é necessário para compreender as sociedades complexas, devido a sua estrutura sociopolítica regional que podem trazer informações sobre as estratégias políticas e econômicas. Segundo ela, o Arqueólogo precisa englobar uma grande região geográfica indo além de um sítio arqueológico para entender o seu entorno. Neste sentido ela também afirma que isto não impede que o pesquisador estude um sítio isoladamente, assim ela afirma:

“[...] A perspectiva regional, no entanto não impede que sejam estudados sítios isolados; pelo contrário, o estudo mais detalhado de um sítio é necessário para que se conheçam as funções e o papel de vilas ou comunidades dentro de um sistema regional” (SCHAAN, 2004 p.15).

Fundamentado nesta perspectiva regional, a proposta deste trabalho de se fazer a caracterização de um único sítio arqueológico, não impede que nós façamos uma reflexão do ponto de vista regional a partir de alguns sítios pesquisados na região de Manacapuru. Entretanto, ao comparar os sítios na tabela 2, de acordo com as categorias de materiais. Podemos perceber que o sítio Costa da Conceição que se encontra dentro da Comunidade Auta de Souza, apresenta a maioria dos artefatos que geralmente são recorrentes em nossa região, como é o caso da Terra preta arqueológica, material cerâmico e material lítico. Diferenciando-se dos demais apenas com a estrutura de abrigo subterrânea e os possíveis sucros encontrados na rocha.

Voltando a abordagem regional, Schaan (2004), exprimi que os estudos de padrões de assentamento, servem para identificar as diversas categorias de sítios em termos de função dentro da comunidade ou região. Permitindo ao pesquisador relacionar as variáveis ambientais com os padrões culturais e econômicos de ocupação do espaço fisiográfico (SCHAAN, 2004 p. 15).

No caso das variáveis ambientais, os sítios Jacuruxi, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o monte cristo, não apresentam em sua estrutura física o afloramento de rochas sedimentares, que foi evidenciado no sítio Costa da Conceição pesquisado na comunidade Auta de Souza, diferenciando-se fisicamente. Esta variável ambiental contribuiu bastante para um maior entendimento no que tange ao padrão de assentamento, que foi imprimido ali, pelas sociedades que viveram no passado. Proporcionado várias formas de uso da paisagem, caracterizando-se múltiplas funções que foram identificadas em seus componentes.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as metas que foram estabelecidas e realizadas nesta pesquisa, e o diálogo com a bibliografia, utilizando a abordagem da Arqueologia da paisagem, voltado à perspectiva regional, pode-se vislumbrar uma maior compreensão no diz respeito ao nosso objeto de estudo. Observamos que o sítio arqueológico Costa da Conceição que se encontra na Comunidade Auta de Souza, possui algumas peculiaridades que podem ser identificadas na paisagem, ao fazermos a caracterização da estrutura física identificamos que o local possui uma estrutura de terra preta arqueológica que é indicador de um grande assentamento, subtendendo-se que ali no passado possuía uma grande população.

Levando em consideração a densidade demográfica, o sítio possuía algumas funções que comportavam várias atividades, que iam além da habitação, como é o exemplo dos sucros, que são indícios de fabricação de ferramentas funcionando como uma pequena oficina lítica. Outra coisa que chamou a atenção foi à estrutura de abrigo subterrâneo que não sabemos a sua função, mas segundo os relatos dos moradores no que toca os artefatos que foram encontrados dentro do abrigo, podemos sugerir algumas possíveis funções: Para fins religiosos, como rituais entre outros e para fins de defesa, pois a estrutura física do local também indica tal função.

Indo para uma abordagem regional, se levarmos em consideração as variáveis ambientais dos sítios arqueológicos, que foram aqui apresentados neste trabalho, e compararmos assim como os vestígios materiais foram. Podemos observar que o sítio arqueológico Costa da Conceição, apresenta uma estrutura física diferenciada e uma posição geográfica estratégica levando a crer que o local possuía um lugar de destaque em relação aos sítios da região. As marcas que foram deixadas na paisagem, a interação e a intervenção do homem com o ambiente em que vivem indicam uma sociedade complexa.

## 11. BIBLIOGRAFIA

ABSABER, A. N. **Os Domínios de Natureza no Brasil Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 151p. 2003.

BALÉE W. Sobre indigeneidade das paisagens. *Revista de Arqueologia*, 21, n.2: 09 – 23, 2008.

AMORIM, Antonio Ailson Cavalcante de Amorim- Manaus; Editora Valer, 2013. 182 p.

BEZERRA, P.E.L. "Compartimentação morfotectônica do interflúvio Solimões-Negro". Tese de doutorado defendida no Centro de Geociências da Universidade Federal do Pará (UFPA), 335p, Belém (PA). 2003.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o Passado. *Espaço Aberto*, PPGG – UFRJ, V. 4, N. 1, P. 37 – 46, 2014.

DENEVAN et al., As terras pretas de índio da Amazônia: Sua caracterização e uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas. Cap. 7 As Origens Agrícolas da Terra Mulata na Amazônia Embrapa Amazônia Ocidental Manaus Am, 2009.

EPIA/RIMA. Relatório de impacto do Meio Ambiente da Cidade Universitária. Manaus, 2012 p.122.

FERREIRA, et al. Riqueza e composição de espécies da floresta de Igapó e de Várzea da estação científica Ferreira Pena: Subsídios para o plano de manejo da floresta nacional de Caxiuanã **Pesquisas, Botânica** n. 56 : 103 -116 São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas, 2005.

KINA, Eritréia, 2017 Entrevista informal realizada na Comunidade Auta de Souza, Manacapuru 10 de agosto de 2017.

KINA, Gilmore, 2017 Entrevista informal realizada na Comunidade Auta de Souza, Manacapuru 10 de agosto de 2017.

KINA, Sadala, 2017 Entrevista informal realizada na Comunidade Auta de Souza, Manacapuru 10 de agosto de 2017.

LIMA P. Helena. A História das caretas: A Tradição borda incisa na Amazônia central, São Paulo, 2008. 400 p.

LIMA, H.P.; NEVES, E.G. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central. **R. Museu Arq. Etn.**, São Paulo, n. 21, p. 205-230, 2011.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)**. 2015. Tese apresentada para Concurso de Título de Livre-Docente Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, agosto de 2012.

MAIA, Maria Adelaide Mansine. Geodiversidade do estado do Amazonas/ Organização Maria Adelaide Mansine Maia [e] José Luiz Marmos. – Manaus: CPRM, 2010. 275p.

Oliveira, Jose C. L. **Ecologia e arqueologia da paisagem: um estudo dos sítios Pré-Coloniais da Zona da Mata mineira** / Jose Carlos Loures de Oliveira; 2007. 148 f. il. Dissertação (Mestrado em Ecologia aplicada ao manejo e conservação de recursos naturais) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira** / André Prous – Brasília DF: Editora Universidade de Brasília, 1992. ISBN 85-230-0316-9

REIS, B. Lucas, Subsídios para o estudo das estruturas subterrâneas no litoral de Santa Catarina. Florianópolis, Dezembro de 2011.

REIS, N. J. Projeto rochas carbonáticas de Apuí, Amazonas. Manaus: CPRM, 2006. 60 p. Relatório final.

SANTOS, Francisco Jorge dos. Além da Conquista: Guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina. 2ª. Ed. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SCHAAN, D. P.; W. F. V. O Povo das águas e sua expansão territorial: Uma abordagem regional de sociedades Pré- coloniais na ilha de Marajó. **Revista de Arqueologia**, 17 : 13-32, 2004.

SCHAAN, D. P. Arqueologia para Etnólogos: Colaborações entre Arqueologia e Antropologia na Amazônia. Anuário Antropológico/2013, Brasília, UnB, 2014, v. 39, n. 2: 13-44.

SAUER, Carl. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998. P. 12-74.

SILOLI, H. Amazônia Fundamentos da Ecologia da maior região de florestas tropicais Tradução de Johann Becker. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Carlos Augusto da. A reprodução de vidas em sítios arqueológicos na Amazônia. / Carlos Augusto da Silva. – Manaus: Edua, 2014. 162 p.

SILVA, C.L. “Análise da tectônica cenozóica na região de Manaus e adjacências”. Rio Claro. Tese de doutorado em geologia regional, defendida no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (Unesp). 2005.

SILVA, J. F. T. M. Uma abordagem do conceito de paisagem cultural em Arqueologia pré- histórica: da percepção ao conhecimento. 2014 98 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Universidade do Porto Faculdade de letras, Porto, 2014.

WOODS, et al., As terras pretas de índio da Amazônia: Sua caracterização e uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas. Cap. 5 Os Solos e as Ciências Humanas: Interpretação do Passado Embrapa Amazônia Ocidental Manaus Am, 2009.